

## A CIDADE DE SÃO LUÍS: UM ESPAÇO DE DISCURSIVIDADES

Ilza Galvão Cutrim (UFMA)

ilzagal@uol.com.br

Conceição Belfort Carvalho (UFMA)

cbelfort@globocom

### INTRODUÇÃO

A cidade tem sido alvo de inúmeros olhares e debates. Desenham sua paisagem e traçados os urbanistas, engenheiros, arquitetos, artistas. Somam-se a eles todos os moradores, sujeitos que engendram o funcionamento da cidade e a tornam um espaço de significação.

Produto histórico, a cidade é ativa, é dinâmica, condiciona e é condicionada por acontecimentos sociais. No espaço citadino, habitado de memória, de subjetividades, a história se formula por um sujeito urbano que, à medida que produz sentidos na cidade, textualizando sua relação com ela, constrói sua identidade. Corpo social ela pode ser pensada como produção discursiva.

São inúmeras as formas de dizer sobre a cidade. Nas palavras de Orlandi (2004), o discurso urbano possui uma memória peculiar, desenvolvendo-se em um espaço próprio, organizado por relações entre seres que se significam e significam as relações que sustentam a própria existência deste espaço.

Determinados discursos sobre a cidade se materializam em enunciados que emergem em um dado momento histórico e, dependendo da posição dos sujeitos, de suas formações discursivas são moldados, coordenados, reformulados. Isso implica dizer que o olhar não é livre, ele está submetido a regimes de verdade (FOUCAULT, 2007) que ditam o que pode e deve ser visto ou dito por uma sociedade em uma dada época.

As discussões aqui apresentadas têm a cidade de São Luís/Maranhão como espaço de produção discursiva a partir do olhar do sujeito discursivo.

Nosso objetivo é verificar como a cidade significa, a partir *do que é dito e por quem* é dito sobre a questão da mobilidade. Dito de outra forma, analisamos as formações discursivas produzidas sobre São Luís por um sujeito localizado em uma trama histórica, inscrito em um *lugar de fala* e em um *lugar institucional*. Destacamos também o modo *como* ele se inscreve no enunciado, o que implica em observar *quem* enuncia, *para quem* enuncia, *quando, como e onde* enuncia.

Para realizar nosso propósito, recorreremos às discussões de Michel Foucault (2008a, 2008b) sobre as relações de poder e saber. Segundo Foucault, as relações de poder fazem circular saberes, que se materializam em instituições. O discurso, por sua vez, liga-se a localizações institucionais, tais como o hospital, o templo, o laboratório, a biblioteca – que prescrevem ao sujeito ocupar certas posições características no momento de fala. Assim, abandona-se a ideia do sujeito fundador do discurso, e passa-se a uma ideia de sujeito inscrito em uma trama histórica que o marca como lugar possível de ser ocupado.

No dia 8 de setembro de 2013, data em que a cidade de São Luís comemorou 401 anos, o jornal O Estado do Maranhão publicou, como vem fazendo há anos, um caderno especial que põe a cidade em evidência. Dentre os temas em destaque, estão aqueles vinculados à história, à memória, à economia, à política, à religiosidade, à cultura, à mobilidade urbana. Nossas análises incidem sobre as páginas 26 e 29 desse caderno, que contém uma entrevista com a governadora, com o prefeito e com a comunidade local. O jornal propõe a pergunta “O que você acha que é preciso fazer para São Luís se tornar uma cidade melhor?” Dos 27 entrevistados, destacamos a entrevista da governadora do Estado. A cidade e sua mobilidade constituem, aqui, nosso objeto de discurso.

No espaço deste artigo, fazemos inicialmente uma apresentação sobre os acontecimentos que levaram a constituição do objeto de discurso *mobilidade urbana em São Luís*. Do principal acontecimento (o Movimento Passe Livre) vários movimentos discursivos que emergiram de diversos setores da sociedade a mobilidade objeto de discurso na mídia. Em seguida, apresentamos como elementos de base de nossas análises as discussões propostas por Foucault sobre os princípios de organização da formação discursiva (a formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e das estratégias), dos quais tomamos os três primeiros. Em seguida, apresentamos nossas análises e algumas considerações sobre as discussões aqui apresentadas.

## 1. Formação discursiva: princípios de organização

Todos os anos a capital maranhense é alvo das lentes da mídia no dia em que comemora aniversário. A cidade, no dia 08 de setembro, é o principal foco das reportagens e preenche páginas e páginas dos jornais locais. O tema da fundação, invasão e colonização mantém-se sempre em pauta e é retomado e reatualizado pelo discurso de historiadores, de políticos, escritores, pelas propagandas que colorem as páginas, por agências de viagens. Há, nesse movimento discursivo, o resgate e manutenção de uma memória. Mas a cidade em plena expansão vem produzindo outros discursos, como o da mobilidade urbana.

Em junho de 2013 São Luís viveu um caos no trânsito, o que afetou seriamente a mobilidade. Manifestações de vários setores da sociedade – estudantes, comunidades de bairro, polícia civil, dentre outros – protagonizaram paralizações em diversos bairros da capital. As reivindicações por moradia estudantil, pelo fim da violência, pela paz no trânsito, por melhores condições de deslocamento, por melhores salários promoveram barricadas com queimas de pneus em ruas e avenidas de grande rotatividade e paralisaram a cidade por quilômetros.

A mobilidade virou objeto de discurso da mídia por várias semanas. No dia 8 de setembro ela também estampou as páginas do caderno especial em comemoração ao aniversário de São Luís e produziu vários enunciados. A partir do que afirma Foucault (2008b, p. 36): há enunciados que “diferentes em sua forma [...] formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto”, destacamos e analisamos um enunciado sobre a mobilidade urbana na capital maranhense a fim de observar como ele dá existência ao objeto mobilidade.

Foucault inicia sua *Arqueologia do saber* apresentando uma crítica aos temas da continuidade da história. Após isso, ele apresenta hipóteses sobre o caso em que se possam vislumbrar regularidades entre os discursos. Seu propósito é o de direcionar sua análise a uma organização dos saberes que se constitui na dispersão dos enunciados. Essa organização ou regularidade é dada, segundo ele, pelas formações discursivas ou regras de formação, que, por sua vez, são “sistemas dispersos” que garantem, em uma dada época, determinadas relações entre os saberes postos em circulação. No intuito de caracterizar e descrever os princípios de organização das formações discursivas, Foucault apresenta quatro hipóteses. A cada uma delas associa-se um princípio de organização dos saberes e da existência das regras de formação. Os princípios apresentados dizem respeito à **formação dos objetos**, das **modalidades enunciativas**, dos **conceitos** e das **estratégias**.

Quanto à formação dos objetos, Foucault destaca que não há objetos dados, *a priori*, no mundo. Cabe ao arqueólogo fazer um levantamento dos enunciados que, em diversos lugares e tempos se referem a um determinado objeto; enunciados que conferem existência aos objetos pelo modo como os recortam. O objeto loucura, por exemplo, pode ser demarcado por superfícies de emergência como família”, “grupo social próximo”, “meio de trabalho”,

“comunidade religiosa” (FOUCAULT, 2008b, p. 46) e daí pode-se estabelecer as fronteiras sociais que sugerem seu aparecimento, sua transformação e até seu desaparecimento.

Ao se referir às superfícies de emergência, Foucault (2008b, p. 46) destaca que

Seria preciso inicialmente demarcar as superfícies primeiras de sua emergência: mostrar onde [os objetos] podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais que, segundo os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria, vão receber a qualificação de doença, alienação, anomalia, demência, neurose ou psicose, degenerescência etc.

Foucault ainda destaca que, além da medicina, outras instâncias como a justiça penal, as autoridades religiosas e a crítica literária e artística delimitaram o objeto loucura em determinada época, promovendo a organização os saberes em torno desse objeto e garantindo o funcionamento das práticas discursivas. Vale ressaltar, por outro lado, que as práticas discursivas são dinâmicas e a singularidade dos acontecimentos discursivos colocam em funcionamento as regras de formação dos objetos; “mas as relações plurais que as definem permitem a existência de objetos também plurais. São objetos que não permanecem constantes nas práticas que os definem, que também não emergem de um mesmo lugar e que não se caracterizam como singulares.” (VOSS, 2011, p. 42-43).

Quanto à formação das modalidades enunciativas, ele destaca que os diferentes modos de produção de enunciados estão associados aos modos de inserção do sujeito que enuncia, ou seja, ao *lugar de fala*, aos *lugares institucionais*, à *situação*.

Ao se referir ao *lugar de fala*, Foucault (2008b, p. 57-8) propõe algumas perguntas: quem fala? Quem, no conjunto de todos os indivíduos-que-falam, está autorizado a ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Qual é o estatuto dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? A fala médica, por exemplo, só tem eficácia quando associada ao personagem médico.

O *lugar institucional* diz respeito ao lugar de onde se obtém o discurso: de que lugares institucionais procedem os discursos? de onde o sujeito obtém seu discurso? Um dos lugares do discurso da fala médica é o hospital. Assim, não basta o *status* de médico para que o sujeito tenha seu discurso reconhecido, é necessário um lugar de fala que o institucionalize e lhe dê respaldo. “Os lugares institucionais que relacionam sujeito e discurso funcionarão como legitimadores da verdade inerente ao discurso e necessária à manutenção e transformação dos saberes.” (VOSS, 2011, p. 43).

No tocante às *posições do sujeito* estas se definem também “pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. (FOUCAULT, 2008b, p. 59). Quais as posições do sujeito frente aos diversos domínios ou grupos de objetos? é sujeito que questiona, que observa? ele utiliza intermediários instrumentais? que posições o sujeito ocupa na rede de informações, no campo dos domínios teóricos e institucionais?

Em relação ao sistema de conceitos, Foucault ressalta que eles se encontram em um agrupamento discursivo. Muitos conceitos, em uma mesma unidade de enunciados podem não apresentar semelhanças entre si, podendo até mesmo apresentar incompatibilidades, considerando os saberes que os entrecortam em dado momento da história. (FOUCAULT, 2008a).

O último princípio destacado por Foucault é a formação das estratégias. As estratégias se referem aos temas e teorias caracterizados pelos enunciados derivados de certo domínio discursivo. Ao falar sobre a formação das estratégias, Foucault pretende determinar

como esses temas se distribuem na história, destacando certa dificuldade no desenvolvimento dessa hipótese de agrupamento discursivo.

Essas breves considerações da proposta de Foucault sobre os princípios de organização da formação discursiva nos orientam em nossas análises sobre o objeto de discurso “mobilidade urbana” em sua forma midiaticizada. Vale ressaltar que iremos nos ater aos três primeiros princípios.

## 2. O discurso da mobilidade

Os discursos produzidos sobre a questão da mobilidade em São Luís funcionaram como rastilho de pólvora, desencadeando vários acontecimentos, e ganharam espaço diário na mídia local e nacional. Por várias semanas, ouvimos no noticiário de tv e lemos nos jornais locais discursos sobre como a população local sofria para chegar a seu destino.

O jornal O Estado do Maranhão, em seu especial de aniversário, publicou nas páginas 26 a 29 o ponto de vista de vários moradores locais, incluindo a governadora do estado e o prefeito da capital, sobre a cidade, a partir da pergunta “O que você acha que é preciso fazer para São Luís se tornar uma cidade melhor?” Nas páginas do jornal, observamos uma seleção por grupos de enunciadores: a governadora e o prefeito tem destaque no alto das páginas 26 e 27; abaixo estão elencados a cozinheira, o estudante, a consultora de venda, a maquiadora, o universitário, a secretária, um advogado e ex-presidente da OAB/MA, o diretor regional dos Correios, a presidente da Fundação da Memória Republicana Brasileira, o presidente do Sindicato do Fisco Estadual, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Estado do Maranhão, um engenheiro e Mestre em Planejamento Urbano, o vice-presidente da Câmara Municipal e vereadores. Para nossa análise, apresentamos a entrevista com a governadora Roseana Sarney.

Sendo o nosso objeto de discurso a *mobilidade* e considerando as três direções de análise do objeto, apontadas por Foucault (2008b), a saber, a verificação das superfícies de emergência, das superfícies de delimitação e das grades de especificação, procuraremos verificar como eles podem funcionar na definição do objeto do discurso e na caracterização de uma FD.

O objeto mobilidade urbana, em São Luís, tem na fronteira que sugere a sua superfície de emergência o movimento Passe Livre, iniciado no sudeste do país e que ganhou as ruas de várias capitais brasileiras graças à visibilidade proporcionada pela mídia. Em São Luís, a população também foi às ruas reivindicar o não reajuste da tarifa do transporte público. Dessa superfície de aparecimento surgiram novas condições que lhe possibilitaram um novo *status* a partir de outras instâncias sociais. Coube aos meios de comunicação local mediatizarem esse objeto, dando visibilidade a movimentos de estudantes universitários que reivindicavam moradia estudantil no campus da Universidade Federal do Maranhão e que interromperam o fluxo de trânsito na Avenida dos Portugueses, localizada na região do Bacanga (onde se localiza o campus).

A mídia, como superfície de delimitação, também pôs em evidência reivindicações de moradores por melhores condições de asfalto, pelo fim da violência em bairros, por reajustes salariais. A mídia – o jornal O Estado do Maranhão – funciona como superfície de emergência e instância de delimitação do objeto.

A análise das superfícies de emergência exige que coloquemos a seu lado as instâncias de delimitação e as grades de especificação. O lugar da mídia ocupa a função desses elementos formadores do objeto mobilidade urbana. Ela o delimita e o especifica em seu aparecimento pelas relações entre a vontade de verdade e o lugar institucional em que o objeto aparece.

Considerando que o jornal O Estado é de propriedade da família Sarney, família da governadora, e que esta é de partido político diferente do prefeito da cidade, cria-se uma verdade: a responsabilidade dos problemas de mobilidade seria da prefeitura em primeiro lugar.

Quanto ao lugar enunciativo, segunda direção da formação discursiva, observaremos, no enunciado a seguir, o estatuto do sujeito que fala, os lugares institucionais a partir dos quais o sujeito fala e a posição do sujeito.

*Roseana Sarney – Governadora do Maranhão*

*São Luís é uma das minhas grandes paixões, todo mundo sabe. Nasci, cresci e vivo aqui com a família. Assim, na minha vida pública, como toda pessoa apaixonada, sempre dediquei cuidados especiais à capital do Maranhão, buscando embelezá-la mais e traduzindo esse amor na forma de obras e serviços para um futuro melhor em nossa cidade.*

*Foi pensando em fazer de São Luís uma cidade mais bonita aos olhos, agradável e oferecendo mobilidade aos moradores que determinei a construção dos Elevados da Cohama, da Cohab, do Calhau, e do Caratatiua; a urbanização da Lagoa da Jansen; os espaços Vivas, que agora estão sendo revitalizados; as avenidas, a exemplo da Luís Eduardo Magalhães e Ferreira Gullar, e muitas outras obras. Atualmente, continuo o trabalho com a construção da Via Expressa, Avenida Quarto Centenário, Anel Metropolitano, Espigão Costeiro da Ponta d'Areia, que está sendo urbanizado com a intenção de se tornar o mais novo espaço de lazer para os moradores e visitantes da nossa cidade.*

*Com essa visão de um futuro melhor, também trabalhei para que São Luís virasse um cartão postal mundial e integrasse a seleta lista de sítios e bens tombados pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), figurando ao lado de Veneza, das Pirâmides do Egito, Torre de Pisa, Estátua da Liberdade, margens do Rio Sena em Paris, só para citar alguns. Sempre acreditei na força da história de nossa cidade e por isso participei ativamente de todas as fases do processo de titulação da cidade como Patrimônio Cultural da Humanidade.*

*Em 23 de maio de 1996, enviei ofício ao então diretor-geral da Unesco, Frederico Mayor, com o pedido de inclusão do Centro Histórico na lista do Patrimônio Mundial, acompanhado de relatório e dossiê fotográfico. Também participei da solenidade em que a Unesco homologou o título, em dezembro de 1997, na cidade de Nápoles. Os frutos do reconhecimento são colhidos até hoje, com a cidade ganhando notoriedade global.*

*Do acervo arquitetônico às manifestações das artes e do folclore, foram promovidos investimentos para impulsionar a cultura, revitalizando e reformando espaços e criando novas casas voltadas às manifestações populares e às artes. Oxigenamos o São João e o Carnaval, possibilitando o maior encantamento pelas festas da cidade que ganharam as ruas e se fortaleceram ainda mais.*

*São Luís, para mim, é mais que o coração político e econômico do Maranhão. Meu amor pela cidade, que hoje completa 401 anos, alcança uma dimensão maior e contempla sua gente, ruas, casario, manifestações culturais e artísticas. E é com essa visão que sigo trabalhando, buscando sempre dar como presente todos os dias o melhor para a cidade e para as pessoas que nela vivem.*

*Parabéns, São Luís! Parabéns a todos os que vivem aqui e têm orgulho desse nosso patrimônio da humanidade!*

Se o *status* do médico deve estar vinculado a instituições, processos, doutrinas e saberes, conforme coloca Foucault (2008b), o Governo Estadual está envolto em relações – um sistema político já estabelecido com suas normas na esfera legislativa, ética e moral; as leis já instituídas, os códigos morais – que lhe conferem o estatuto de sujeito do discurso. Tais lugares institucionais atribuem, em parte, a função que o sujeito deve exercer no discurso, assim como seu estatuto na condição de sujeito. (VOSS, 2011, p. 97) E é como sujeito que ocupa algumas posições no discurso que destacamos também o lugar institucional na entrevista acima.

Nesse enunciado o sujeito é aquele que possui uma identificação com o lugar de origem, quase como o que possui toda a população (*São Luís é uma das minhas grandes paixões, todo mundo sabe. Nasci, cresci e vivo aqui com a família.*), é um sujeito que ocupa um cargo público e que traduz seu amor pela cidade em forma de obras em benefício da população (*Assim, na minha vida pública, como toda pessoa apaixonada, sempre dediquei cuidados especiais à capital do Maranhão, buscando embelezá-la mais e traduzindo esse amor na forma de obras e serviços para um futuro melhor em nossa cidade.*), é aquele que promove a mobilidade (*Foi pensando em fazer de São Luís uma cidade mais bonita [...] e oferecendo mobilidade aos moradores que determinei a construção dos Elevados da Cohama, da Cohab, do Calhau, e do Caratatiua; a urbanização da Lagoa da Jansen; [...] as avenidas, a exemplo da Luís Eduardo Magalhães e Ferreira Gullar, e muitas outras obras. Atualmente, continuo o trabalho com a construção da Via Expressa, Avenida Quarto Centenário, Anel Metropolitano*), é um sujeito que promove a capital à condição de Patrimônio Cultural da Humanidade (*também trabalhei para que São Luís virasse um cartão postal mundial e integrasse a seleta lista de sítios e bens tombados pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco)*), é aquele que investe também nas artes e no folclore (*foram promovidos investimentos para impulsionar a cultura, revitalizando e reformando espaços e criando novas casas voltadas às manifestações populares e às artes. Oxigenamos o São João e o Carnaval*), é sujeito que manifesta seu apreço pela cidade e pelas pessoas que nela moram (*Meu amor pela cidade, que hoje completa 401 anos, alcança uma dimensão maior e contempla sua gente, ruas, casario, manifestações culturais e artísticas.*), é aquele que trabalha (*E é com essa visão que sigo trabalhando, buscando sempre dar como presente todos os dias o melhor para a cidade e para as pessoas que nela vivem.*).

O sujeito (*quem*) governador, chefe do poder executivo enuncia (*para quem*) para o povo do Maranhão, (e)leitores do jornal, (*quando*) num momento de intensa visibilidade e comemoração (o aniversário da cidade), *como* (utilizando-se de mecanismos linguísticos e discursivos eivados de poder) e (*onde*) no principal veículo maranhense da mídia impressa: o jornal O Estado do Maranhão.

O estatuto desse sujeito é o de quem possui não só uma identificação com a cidade, como também aquele que cuida, que promove a mobilidade, que dá visibilidade à capital em relação ao resto do país e do mundo, que mantém viva a cultura por meio da preservação das manifestações populares. É um sujeito que faz, que realiza, que trabalha.

Essa imagem do trabalho resgata a memória de um domínio discursivo que povoa a publicidade em torno da administração da governadora Roseana Sarney, particularmente aquela referente ao seu retorno ao poder no ano de 2009. Após a destituição do cargo, do então governador eleito, Jackson Lago, Roseana Sarney, segundo lugar nas eleições, assume o cargo e promove uma campanha com uma logomarca que faz referência à ideia de retomada do crescimento.



As regras de formação desse enunciado projetam uma leitura a partir da negação da administração anterior. O sujeito do discurso opera uma visão de trabalho que tem no governo de Roseana a proposta central. As cores que preenche os espaços da palavra Maranhão, segundo a agência que idealizou a logomarca, é uma referência ao colorido do bumba-meu-boi, manifestação representativa da cultura popular do estado.

Retomando o segundo parágrafo da entrevista, observamos que o sujeito do discurso promove uma verdade sobre a mobilidade na capital maranhense ao falar de seu trabalho de construção de elevados (viadutos), abertura de ruas, avenidas, via expressa. Ele é aquele que transforma o caos em solução. Ele situa-se segundo as regras de formação da função enunciativa que é a de chefe do poder executivo que trabalha. Mas as regras de formação que atuam na ideia de trabalho em prol da mobilidade alcançaram outros domínios além do governo e da política. O sujeito *trabalhador*, ao atuar em outros lugares institucionais, como a mídia impressa, marca sua dispersão.

No tocante à formação dos conceitos, são vários os conceitos que entrecortam a formação de um objeto, derivando-o em outros e diversificando-o. Segundo Voss (2007, p. 103), “os conceitos em torno do objeto do discurso não serão conceitos científicos ou conceitos que levem à cientificidade ou que subjazem práticas discursivas ou que produzem saberes.” Eles podem ser tratados “como uma pequena trilha de noções que atravessam a formação do objeto e constituem seus caracteres.”

Os conceitos que se formam sobre a mobilidade, no enunciado do governo, associam-se à beleza – pois este diz que as obras em prol da mobilidade também foram feitas para encantar o olhar e torná-la agradável (*Foi pensando em fazer de São Luís uma cidade mais bonita aos olhos, agradável*) – e a obras de construção de elevados, avenidas e de urbanização. Esse conceito não é o mesmo de vários outros sujeitos que respondem à pergunta do jornal (“O trânsito é um caos, fruto de uma cidade mal planejada. As ruas alternativas não têm investimento.” S.L., estudante.; “A cidade está um caos. É preciso investir em elevados, pois os engarrafamentos estão grandes. Demoro 2 horas de casa para o trabalho e não é longe. Os ônibus são precários e em quantidade insuficiente.” S.L., cozinheira.). O conceito de mobilidade para quem vive o dia a dia do trânsito, usuários do transporte público apresenta mudanças nessa outra série enunciativa.

## Conclusão

A produção de um saber está sujeita a regras de formação que vão condicionar a formação de um objeto. Destaca Foucault (2008b), que conforme o modo como os enunciados recortam um objeto, lhe conferem existência.

Em nossas análises, observamos que o modo como o enunciado do sujeito governo do estado recorta o objeto mobilidade lhe dá existência de realização de obras, de trabalho. Essa produção de sentido está condicionada ao lugar que o sujeito ocupa no enunciado, de qual instituição fala, para quem ele dirige seu discurso, em que circunstância.

O lugar ocupado pelo sujeito governo do estado produz sobre esse objeto de discurso um recorte que se liga ao lugar do poder executivo estadual, e que também fala na mídia para uma população que vive os problemas da mobilidade. Ao tratar desse objeto de modo positivo (o sujeito agrupa o seu discurso em uma relação de trabalho em prol da população, em prol da beleza da cidade), produz um saber sobre os benefícios do trabalho que vem sendo feito.

As superfícies de emergência que demarcam tal objeto são aquelas que se localizam na esfera governamental, segundo o olhar do administrador público e não o olhar da população.

#### **REFERÊNCIAS**

- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 16. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008a.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.
- ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- VOSS, J. *O conceito de formação discursiva de Foucault e o tratamento de objetos da mídia: sobre a responsabilidade social na publicidade impressa brasileira*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, 2011.